

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES
LETÍCIA FERREIRA DA SILVA

JOGOS TEATRAIS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL



MATINHOS
2017

LETÍCIA FERREIRA DA SILVA



JOGOS TEATRAIS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes, da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em artes.
Orientadora: Prof^o. Dra. Gisele Kliemann

MATINHOS
2017

TERMO DE APROVAÇÃO

LETÍCIA FERREIRA DA SILVA

JOGOS TEATRAIS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção da graduação de Licenciatura em Artes pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientadora Dr^a Gisele Kliemann
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Prof. Dr. Elderson Melo de Miranda
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Prof. Dr^a Michele Louise Schiocchet
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Matinhos
2017

JOGOS TEATRAIS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Letícia Ferreira Da Silva

RESUMO

Este artigo tem como base as experiências vivenciadas por sua autora durante a oficina de jogos teatrais, ministradas pela mesma junto a turma de alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, ciclo – I. Na Escola Municipal Profª Maria José Henrique Tavares, localizada no litoral do Paraná, visando utilizar o jogo teatral como um recurso metodológico para identificar se é possível haver mudança no relacionamento interpessoal dos educandos.

Palavras- chave: Jogo teatral; relacionamento interpessoal; ambiente escolar.

ABSTRACT

Abstract: The present article is based on the experiences of an academic during the theater games workshop, which was offered by her to a group of students of the 3rd year of elementary school cycle – I, at the Profª Maria José Henrique Tavares school on the coast of Paraná, aiming to use the theater game as a methodological resource to identify if it is possible to change the interpersonal relationship of the students.

Keywords: Theater game; Interpersonal relationship; School environment

1. INTRODUÇÃO

A proposta de realizar uma oficina com a temática dos jogos teatrais foi definida após a aplicação de estágio curricular obrigatório do curso de licenciatura em artes da UFPR, momento em que, aplicados os jogos teatrais com uma turma do ensino fundamental percebeu-se que os alunos demonstraram interesse.

Com base nas observações que fiz e nas experiências acadêmicas que presenciei, percebi que o jogo teatral poderia ser de grande importância para esta investigação, usado como recurso metodológico para alcançar o foco desta pesquisa, que é o relacionamento interpessoal.

O jogo instiga e atrai os estudantes e os aproximou não só da prática realizada em forma de participação, como do docente e dos colegas menos próximos. O aluno vê o professor ao seu lado na atividade, ao mesmo tempo, olha seus colegas participando e interagindo com eles, nesse momento ocorre uma troca diferenciada de saberes, onde a ministrante os ensina como determinado jogo funciona e os alunos mostram a ela através de seus

comportamentos, como deve agir em algumas situações, como por exemplo, a timidez, respeitando cada aluno e o seu tempo de interação.

Foi idealizado e criado um pré projeto de uma oficina que seria levada à escola. Este seria um projeto onde eu poderia desenvolver minha didática, servindo concomitantemente de estudo para analisar na prática, como uma metodologia do ensino de teatro poderia auxiliar no comportamento dos educandos.

A oficina foi desenvolvida no transcorrer de um mês, do dia 07 de Novembro de 2016 ao dia 07 de Dezembro de 2016, realizada durante quatro semanas de segunda a sexta-feira, no horário vespertino das 16h30min às 17h20min. Suas atividades foi baseada A oficina teve suas atividades baseadas no livro “JOGOS TEATRAIS NA ESCOLA – Atividades globais de expressão”, da autora Olga Garcia Reverbel.

Foram definidas algumas questões durante o projeto como: observar se os alunos tiveram a compreensão do jogos teatral apresentado à eles, se os grupos existentes dentro da sala de aula tiveram um contato maior com outros grupos; se alunos introvertidos e por vezes isolados da sala participaram das atividades de forma espontânea e voluntária; se os membros da instituição escolar tiveram interesse em saber sobre as atividades desenvolvidas e, por fim, se o vínculo entre o docente e os alunos foram concretos e significativos para a relação interpessoal dos alunos.

Neste estudo de caso, os alunos introvertidos e comunicativos jogavam juntos, vivenciando essa experiência que o jogo teatral proporciona de se comunicar para que o jogo flua de uma forma natural.

Embora no início das atividades o processo tenha sido difícil porque alguns estudantes apresentaram timidez, tanto no envolvimento com o jogo quanto no relacionamento entre colegas e professor, compreendi que naquela turma de 3º ano, era possível trabalhar com os jogos teatrais e investigar se modificaria ou não o relacionamento entre eles.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), referenciais usados para orientar os profissionais na área da educação no que diz respeito aos conteúdos do teatro que devem ser trabalhados, competências e habilidades a serem desenvolvidas no ensino fundamental, compreende que "A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, [...] essa atividade evolui do jogo espontâneo para o jogo de regras, do individual

para o coletivo." (p, 83). Então, de acordo com os PCN's na habilidade de teatro, a criança se manifesta de forma mais aberta quando se juntam com os demais, tornando o jogo mais direto.

Segundo Vygotsky (1984), psicólogo e grande pensador, a criança se desenvolve melhor intelectualmente a partir do meio interativo em que vive. Sendo assim, acredito que a criança quando não recebe estímulos suficientes, seja ele qual for, tem menos chances de ter um bom relacionamento ou desenvolvimento adequado em determinadas situações, como num ambiente escolar, por exemplo, ou em determinada atividade. Nesse sentido o jogo teatral se torna uma proposta pedagógica que, como já dito, traz à sala de aula, de forma lúdica, atividades que incentivam as relações interpessoais dentro do ambiente escolar, proporcionando um vínculo novo entre o aluno, seu docente e seus colegas.

Ainda para o autor "A criança desenvolve-se essencialmente, através da atividade de brincar." (1984, p.117). O brincar não está relacionado somente aos objetos infantis criados através de materiais para a interação e diversão da criança, mas também, à atividade lúdica. E o brincar pode ser amplamente experimentado nos jogos teatrais.

Logo, creio que, por intermédio desta metodologia do ensino do teatro que são os jogos teatrais, pode ser possível identificar se há ou não, o desenvolvimento da criança em relação ao comportamento interpessoal e ao mesmo tempo no jogo, e se as suas habilidades de pensar e agir, fazer e se expressar foram desenvolvidas na prática dos jogos, se foi perceptível alguma mudança na relação com os demais colegas da turma.

Sendo assim, por meio dessas questões levantadas a respeito das relações interpessoais, acredito que desenvolver esta oficina e exercer a prática do jogo teatral na escola, tem como uma possível intenção, proporcionar um espaço de brincadeira, e acompanhar o comportamento por meio de observações durante as práticas, com a finalidade de trazer aos alunos mais introvertidos o estímulo de trabalhar em equipe dentro ou fora do ambiente escolar.

Dentre alguns autores que trabalham com jogos teatrais, destaco Viola Spolin¹, Ingrid Koudela² e Olga Reverbel³. As dinâmicas de trabalho utilizadas

¹ Viola Spolin (1906 - 1994). Autora. Spolin foi uma das pioneiras do teatro improvisacional, influenciando até hoje diversas companhias.

² Ingrid Dormien Koudela (1948). Diretora, escritora e pesquisadora na área de Teatro.

pelas três autoras me chamaram a atenção por exercer a prática dos jogos teatrais não só em espaços não formais como especificamente dentro da sala de aula, o que caracteriza a minha investigação.

Durante a pesquisa por quais jogos usar na realização da oficina, me deparei primeiramente com o fichário⁴ da Spolin, e também busquei suporte em outros autores como Reverbel⁵, que por sinal suas metodologias mais foram identificados com o projeto.

Após o tempo da experimentação, foram considerados as observações escritas e visuais como o diário e os vídeos para verificar quais foram os resultados obtidos nesta oficina e analisar se o objetivo foi alcançado, com a finalidade de identificar se a metodologia usada como o jogo teatral trouxeram modificações no comportamento interpessoal para aquela turma do 3º ano escolhida para esta pesquisa.

2. JOGO E IMPROVISAZÃO TEATRAL NA EDUCAÇÃO

No jogo teatral, ao instigar o aluno a improvisar em suas ações, estamos ampliando a sua forma de se comunicar e de se expressar. Iniciando um momento de experimentação. Para Chacra:

A forma teatral é o resultado de um processo voluntário e premeditado de criação, onde a espontaneidade e o intuitivo também exercem um papel de importância. A esse processo podemos chamar de improvisação, como algo inesperado ou acabado, que vai surgindo no decorrer da criação artística, aquilo que se manifesta durante os ensaios para se chegar à criação acabada. Com a conjunção do espontâneo e do intencional, o improviso vai tomando forma para alcançar o modelo desejado, passando a ser traduzido numa forma inteligível e esteticamente fruível. (CHACRA, 1983, p.14).

³ Olga Garcia Reverbel (1917 - 2008). Teórica, autora e professora. Pioneira nos estudos e práticas das relações entre teatro e educação no Brasil e autora de diversas publicações sobre tema, Olga é considerada nacionalmente uma das precursoras do movimento conhecido como Teatro e Educação alinhado às questões da cena e da educação contemporâneas, presentes nos debates sobre ensino de teatro.

⁴ O fichário de Viola Spolin é um método de aprendizagem e criação em teatro desenvolvido por ela, que contém jogos tradicionais do teatro, recolhidos pela mesma e reelaborados posteriormente, separado em fichas com instruções detalhadas para sua prática.

⁵ REVERBEL, Olga Garcia. Jogos Teatrais na Escola: Atividades Globais de Expressão. 159 páginas. Scipione. 1989.

Por meio das improvisações, o desenvolvimento criativo de cada aluno é ampliado, e o indivíduo espontaneamente interage com os demais colegas e com o ambiente e desenvolve a interatividade em sala de aula, o docente, se deseje essa evolução por meio da improvisação, deve proporcionar o espaço para realizar a prática e instigar o aluno a se expressar de forma livre. Para Rosseto:

Na ação improvisacional, o aluno amplia o repertório de comunicação e a competência da expressão. Assim sendo, ao mediar os processos que envolvem a improvisação, o professor deve instigar nele a capacidade da livre expressão do corpo, numa tentativa de expressar as interpretações pessoais, com ampla consciência do ato de improvisar consigo mesmo e com os colegas de cena. A prática da improvisação confere ao aluno um espaço livre para o experimento e lhe possibilita colocar em cena novas maneiras de pensar, o que resulta numa expressão artístico estética mais autônoma. (ROSSETO, 2012).

A partir disto, vemos que a prática da improvisação também possibilita a capacidade de se expressar diante das cenas, fazendo com que os alunos usufruem de sua capacidade criadora dentro do jogo teatral. Isso amplia e tem como possibilidade promover o entendimento e a compreensão, o que eleva a comunicação, e esse é um dos princípios dos jogos teatrais, pois, é pela comunicação que se desenvolverá uma boa relação entre as equipes.

Para Japiassu (2003, p. 81) "Quando uma equipe atua na área de jogo, os outros participantes do grupo a observam com atenção, acompanhando a solução cênica apresentada por seus componentes no desenvolvimento de suas ações." Seguindo a linha de pensamento do autor, as improvisações têm como possibilidade também, trabalhar a expressão de forma exteriorizada nos jogos, assim, os alunos tem como proposta jogar e observar, de forma que possam interagir e contribuir com a prática.

Um dos maiores desafios que o docente enfrenta no ambiente escolar, é aplicar o conteúdo desenvolvido para aula de forma abrangente, que todos os alunos presentes compreendam os conhecimentos ali ensinados e despertem o desejo de se aprofundar ainda mais no tema. Tal desafio sempre foi árduo, e os motivos são inúmeros, mas friso neste texto, a falta de interesse dos alunos na matéria. Dentro de sala de aula, é comum que os alunos venham a perder a concentração, e o interesse em determinado conteúdo, por isso creio, enquanto futura licenciada, que o professor deve encontrar uma forma de instigar os alunos a prestarem atenção nos conteúdos propostos.

Em seu livro “Psicologia na Educação”, Davis (1994) relata como as atividades conjuntas agregam na formação e evolução dos alunos na escola:

Os alunos se tornam mais conscientes, aprendem a ouvir e a incorporar críticas às sugestões dadas, a defender suas ideias e seu espaço no grupo, a dividir tarefas de modo produtivo. Sobretudo, a atividade conjunta leva a compreensão de que o esforço solidário para obtenção de um determinado fim deve ser enriquecido no trabalho partilhado, onde se trocam informações, apoio e incentivo. (DAVIS, p. 93).

O jogo teatral se encaixa perfeitamente nessas atividades, pois instiga os alunos a trabalharem com o coletivo e melhorar o convívio dentro e fora do ambiente escolar.

3. RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalhar as relações interpessoais dentro do ambiente escolar se tornou algo muito mais complexo do que imaginei, pois, mesmo sendo dentro de uma escola na qual os alunos mais comunicativos interagem a todo tempo, ocorre à formação de círculos de amizade e os educandos que compõe determinado grupo, às vezes, não estabelecem relações comunicativas ou amigáveis com os demais.

Há também os conflitos em sala que geram bastante discussões, principalmente quando são separados para participarem de alguns jogos como no “hipnotismo” que os alunos foram separados em duplas, ou quando algum aluno não concorda com a atitude do professor como foi o caso da quadra de esportes que outro professor estava usando e não podemos realizar a atividade lá.

Os conflitos também ocorrem no meio do corpo docente, que muitas vezes não usavam da comunicação e interação para obter conhecimento da atividade que estavam sendo realizadas no momento da sua aula, causando desconforto.

Porém, proporcionar boas situações mesmo com os conflitos acontecendo, por mais que sejam através do diálogo usado tanto com os alunos quanto com a equipe pedagógica da escola, fez com que as relações

interpessoais se tornassem mais estabelecidas entre nós, a escola, os alunos e eu enquanto ministrante.

Partindo das observações diante desta turma, cujas atividades foram realizadas, notei que determinados alunos não se comunicam com quem não tem aproximação. Isso ocorre, a meu ver, por diversos fatores, seja por um comportamento natural, por serem introvertidos ou até mesmo medo de não serem aceitos pelos colegas. Sendo assim, os alunos preferem manter a comunicação apenas com o grupo no qual já estão inseridos.

Segundo Zacharias (2006) alunos introvertidos, tendem a concentrar sua atenção na sua percepção subjetiva, o aluno introvertido pode ter dificuldade de convivência com grandes grupos, preferindo pequenos coletivos cuja interação já é existente.

Em sala de aula, o aluno introvertido tende a prestar atenção em uma coisa de cada vez, se sentindo mais confortável e ter tempo para refletir e aprofundar conhecimento. Logo, o docente tem que ter consciência que irá trabalhar com alunos de personalidades diversas, e deve ter a capacidade para trabalhar com cada estudante, respeitando seu tempo de entrosamento e cognição.

Marcelos (2009), vê o professor como um gestor dentro de sala de aula, que deve criar situações para melhorar o desenvolvimento das relações dentro do ambiente escolar. O autor afirma que “o gestor deve trabalhar a diversidade de pontos de vista ou comportamento como fala de enriquecimento para o grupo e como forma de ampliar a visão particular de cada indivíduo na escola”. (MARCELOS, 2009. p, 02)

De acordo com a linha de pensamento do autor, eu acredito que as relações interpessoais são de grande importância para o desenvolvimento do aluno e sua comunicação, visto que cada um reage de acordo com o seu tempo de entrosamento e de maneiras distintas.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DO ESTUDO REALIZADO A PARTIR DA OFICINA DE JOGOS TEATRAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Algumas questões foram levantadas para que esta pesquisa acontecesse, como: participação, interação e interesse. O planejamento foi realizado de acordo com essas três indagações, com a finalidade de trabalhar no aluno a sua forma de se relacionar com os demais a partir de uma metodologia. As rodas de conversas também aconteceram, tornando mais acessíveis o modo de identificação do objeto de estudo. Durante a oficina, também foram realizadas filmagens das atividades praticadas em sala, visando uma melhor análise da forma como as crianças se comportaram em relação ao jogo teatral e as relações interpessoais.

O objetivo principal da oficina foi identificar se houve uma possível melhora nas relações interpessoais por meio das dinâmicas teatrais em sala de aula. Isto incluiu trabalhar o jogo teatral em vista ao relacionamento interpessoal. Foram selecionados 26 jogos para a experimentação nesta pesquisa, dos quais apenas 1 foi totalmente rejeitado pelos alunos.

No primeiro dia de oficina, 07 de novembro de 2016, fiz previamente uma roda de conversa com a turma. Essa socialização em nosso primeiro contato, permitiu um contato mais próximo entre nós. Nesse momento, foi possível esclarecer algumas dúvidas e questionamentos dos alunos sobre o que eles compreendiam por jogo teatral.

Na medida em que a oficina ia sendo realizada, ocorria pouco a pouco, uma pequena mudança no comportamento das crianças, observada nos detalhes, no ato de relacionar-se em grupo, ou melhor, além dos grupos. Os alunos não só passaram a se concentrar mais, como também passaram a criar vínculos com a maioria dos colegas presentes nas atividades.

Durante esta oficina, alguns jogos despertaram mais a atenção que outros em determinados grupos. Por vezes por falta de segurança ou confiança, alguns jogos são rejeitados pelos estudantes, este foi o caso em um primeiro momento do jogo “Onde é”, uma prática de improvisação planejada que consiste na criação de cenas originais em um cenário específico realizado no dia 18 de novembro de 2016. Como eles estavam com dificuldade de escolher um lugar, então sugeri um

local para acontecer a cena, notei um mero detalhe no diário cujo o tema escolhido foi “parque de gogos”, entendi que as crianças não estavam com dificuldade para criar uma cena em um parque, mas sim, imitar os gogos no parque na frente dos seus colegas. Notei certo fracasso da minha parte na hora de planejar esta aula porque os alunos não quiseram participar, então após uma conversa com os mesmos, estava nítido que os educandos ainda não estavam preparados para improvisar, gerando um bloqueio a partir de um detalhe.

Após uns dias trabalhando gradualmente com as improvisações, sua autoconfiança nos exercícios também teve uma mudança significativa, algo que ficou claro nos jogos individuais como a atividade “acordando”, realizada na 3ª semana de oficina, no dia 22 de novembro de 2016, onde eles se expressavam através das formas gestuais. No jogo foi pedido concentração dos alunos, então esperei alguns minutos e fui falando tranquilamente para que representassem a forma como eles acordavam. Conforme a atividade ia acontecendo eu ia mudando as coordenadas, como por exemplo: espreguiçar-se, dormir, levantar, etc. Posteriormente essa parte do jogo, pedi que fossem apresentar individualmente enquanto os demais observavam a sua ação. Nessa hora alguns ficaram um pouco envergonhados, mas não de representar e sim de irem até a frente dos colegas, porém, sem forçar, aos poucos, cada um foi apresentando da sua forma sem sair do lugar. Depois desta atividade, enquanto ocorria a roda de conversa, comum no final das práticas, perguntei se realmente estavam dormindo, e se eles faziam daquela maneira em casa. Estas perguntas foram realizadas para induzir uma conversa mais aberta e promover um momento de interação e trocas de experiências.

O mais inesperado desta atividade é que eles também quiseram mostrar mais do que isso, falaram de como brincam, de como comem, o que comem, e um papo foi levando à outro, tornando a roda de conversa bem diversificada. Mas ao final da prática, por mais que metade da turma não tenha saído dos seus lugares, ver que eles apresentaram de forma individual, já foi uma pequena mudança, e nas filmagens eu pude perceber que os alunos estavam bastante concentrados nas coordenadas, então foi perceptível que mudaram de gestos ao mesmo tempo sem que houvesse distração ou ações paralelas que não estivessem de acordo com o jogo.

Dessa forma, por meio de todas essas práticas, em específico essas, pude perceber claramente que a criança, por vezes, precisa de estímulos para ser

comunicativa e sociável com todos que estão à sua volta, seja conhecido, próximo ou não. Alguns se mostraram muito mais interessados do que outros, e dependendo da dinâmica realizada, percebia-se claramente o quanto a atividade foi bem aproveitada.

A escolha das atividades foi de grande importância para a oficina, pois, através dos conteúdos propostos dessa metodologia, que se perceberam os resultados como participação e interesse.

Em cada aula realizada durante este processo, pude notar nitidamente e progressivamente que foi por meio da brincadeira que se proporcionou vários momentos de aprendizado durante a oficina, além de questionamentos e reflexões levadas para as rodas de conversas a respeito de algumas atitudes de personagens trazidos em cenas de improvisações planejadas.

Os jogos também foram avaliados um a um de forma que estivessem adequados à faixa etária das crianças, que variavam de oito e nove anos. Alguns jogos escolhidos para aplicação eram próprios para uma outra faixa etária. Então, usei a adaptação das falas e coordenadas, moldando o jogo para esses alunos, é o caso do jogo realizado no dia 14 de novembro de 2016, “expressando sentimentos e sensações”, que consiste no mediador dizendo determinadas palavras, para que os alunos as expressem. O jogo trazia termos que a meu ver, ao serem ditos a está turma do 3ª ano, iriam ocasionar o desvio da atenção dos mesmos, sendo assim, enquanto docente gestor optei por improvisar, modificando os termos, escolhendo sentimentos e sensações mais leves, como por exemplo: sentir a chuva ou o vento, para os alunos desse período, tornado assim a atividade mais interessante e compreensível para eles.

Durante as aulas também ocorreram alguns imprevistos que se tornaram experiências e aprendizado para minha docência. É natural que alguns alunos se afastem, e como já dito, por exemplo, devido à timidez se sintam inseguros em participar dos jogos propostos, e até mesmo mais envergonhados, mas nesse momento foi preciso criar situações, improvisar, conversar e conduzir os alunos, para que de forma natural e progressiva, fossem criando interesse pela atividade proposta.

Obviamente que nem todos os alunos criam o mesmo interesse pelas atividades, é necessário que ocorra uma evolução gradual que desafie cada aluno, individualmente, a participar das propostas.

Em uma das práticas realizadas, cujo o objetivo era trabalhar a imaginação, chamei um aluno que não estava participando da atividade para ficar ao meu lado e me ajudar a observar os outros. O aluno não estava focando no exercício, a todo o momento chamava a atenção para si, desconcentrando parte da turma, nesse momento vi que era preciso trabalhar com ele de forma individual, respeitando seu tempo de aprendizado. Como ressalta Rosseto (2012, p.71), o docente deve ter a consciência que é a participação dos alunos nas atividades teatrais seja voluntária, pois a obrigação tende a gerar trauma nos mesmos, assim creio que não se deve forçar o aluno a participar, mas sim despertar o desejo do mesmo na atividade.

Dessa forma percebi literalmente o que Reverbel (1997), diz a respeito das falas de "gosto" e "não gosto", onde ressalta que conforme os alunos vão aprendendo a ter um olhar crítico esse tipo de fala limitada vai deixando de existir e eles passam a observar de forma mais construtiva as atividades. Mesmo uma proposta que não instigue a turma, não é descartada em um primeiro momento, os alunos aprendem a ir além dos gostos pessoais, e seguros de seu papel em cena e do companheirismo de seus colegas, participam da proposta. Vejo assim que o jogo cria possibilidades, abre caminhos para novas formas de relacionamentos grupais ou individuais.

O respaldo do ambiente escolar, era extremamente significativa para mim, afinal era necessário ter em mente que essas atividades são propostas relativamente novas para esta escola. Dessa maneira, poderia ocorrer uma aversão sobre elas, pois alguns docentes podem ter uma visão arcaica sobre o ensino, e uma atividade prática e lúdica onde ocorrem atividades físicas e jogos, pode dar a entender, que estas atividades estão descaracterizando o espaço de ensino da sala de aula. Parte do corpo docente ocasionou alguns empecilhos durante a oficina, como liberar os alunos mais cedo da aula, os docentes faziam isso, tendo consciência que a coordenação da escola havia destinado esse horário para a oficina, tal atitude desrespeitava a ordem da coordenadora e dificultou o desenvolvimento das primeiras aulas causando alguns desconfortos e constrangimentos. Houve também olhares de desdém, questionamentos diretos e indiretos sobre o uso do jogo teatral na escola. Estas ocasiões foram situações que me mostraram o quanto o sistema educacional é obsoleto e fechado para propostas que fogem do tradicional. Felizmente essas questões foram resolvidas de imediato por meio do diálogo, mostrando aos docentes as contribuições do

jogo na educação e a melhoria no comportamento dos alunos por meio das relações interpessoais.

Ao fim das quatro semanas de oficina, notei uma evolução dos alunos, de suas relações interpessoais e com o ambiente escolar, também ocorreu um evolução pessoal, seja durante o planejamento da oficina, ou enquanto ministrava a mesma, o trabalho do docente é complexo, é necessário estar ciente dos desafios que podem ocorrer durante as atividades, saber improvisar e criar novas possibilidades enquanto ensina seus alunos, analisar cada proposta, desenvolver as atividades, relacionar-se com o corpo docente, instigar cada indivíduo ali presente a se envolver com as atividades, enfim, são diversas situações que vem a agregar e reformular a minha didática, sinto que a cada nova experiência estou mais preparada para exercer meu papel enquanto docente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das experiências vivenciadas, vejo enquanto futura arte educadora que as contribuições que os jogos trouxeram para esta turma de 3º ano foram mais do que participação e comunicação, visto que uma vez trabalhada a sua autoconfiança, o educando passa a se relacionar melhor com os outros círculos de amizades. Sendo assim, entende-se que a comunicação é imprescindível para estabelecer a relação entre os alunos, seja na fala, nos gestos ou nas linguagens artísticas, como no teatro.

A partir dessa vivência, dessa oportunidade de trocar experiências com a turma escolhida para a oficina, é perceptível que o jogo e a dramatização tem como possibilidades, contribuir principalmente na relação entre os grupos de colegas de turma já formados em sala, e expandir as formas de relacionamento dos alunos, como citado, sejam os alunos mais introvertidos ou extrovertidos.

O ambiente criado pelo jogo teatral teve a possibilidade de permitir uma união de toda a turma, com a orientação de um docente ou ministrante, que é o meu caso, e por meio das possibilidades criadas pelo jogo, os grupos já existentes naturalmente estabelecem outras relações interpessoais com os demais devido às inúmeras situações que surgem a cada nova atividade.

Ao final das práticas, analisando as indagações colocadas para que esta pesquisa fosse realizada como: participação, interação e interesse, creio que a

oficina obteve êxito nessa busca, com momentos bons e outros que servem como aprendizado, mas principalmente com um processo de ensino gradual que no decorrer das aulas, alcançou seu objetivo. Cada aluno ao seu tempo teve sua evolução, e a turma mostrou ter respeito e cooperação com as atividades, proporcionando um desenvolvimento em suas relações interpessoais seja com o ambiente escolar, com docente e com seus colegas.

Essa experiência que tive através da oficina de jogos teatrais com os alunos do ensino fundamental me proporcionou grande conhecimento, agregando muita aprendizagem à minha formação acadêmica, principalmente na questão a respeito de como trabalhar o teatro na escola e também de como lidar com o preconceito em relação à arte vindo de alguns profissionais que ali exercem sua função de professor.

A partir disto percebo que trabalhar a arte dentro de uma escola que ainda está habituada com um sistema mais tradicional para trabalhar com outras metodologias de ensino é muito mais difícil do que se imagina, mas não impossível, pois, é aos poucos que vamos ganhando espaço dentro dos ambientes formais de educação.

Referências

- CHACRA, Sandra. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo, Perspectiva, 1983.
- DAVIS, Cláudia. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.
- MARCELOS, Viviane Avelino. **Relações intrapessoais e interpessoais - Reflexões a cerca do cotidiano escolar**, 2009.
- Parâmetros curriculares nacionais: **arte / Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Fundamental, p.83, 2001.
- REVERBEL, Olga. **Jogos Teatrais na Escola: atividades globais de expressão**. São Paulo: Scipione, 2009.
- REVERBEL, Olga. **Um Caminho do Teatro na Escola**. São Paulo: Scipione, 2002.
- ROSSETO, Robson. **Jogos e improvisação teatral**. Guarapuava, UNICENTRO, 2012.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **Tipos: a diversidade humana**. São Paulo: Vetor, 2006.